

TEM ALGUÉM AQUI

de Vanessa Hernández

(2020)

Tradução: Wallyson Mota

Revisão: Malú Bazán

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte da 2a. Edição do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “PÉS-CORAÇÃO: A AMÉRICA LATINA COMO CAMINHO”, contemplado pela 43ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

Tem Alguém Aqui

Leitura realizada no Complexo Cultural Funarte - SP.

Dramaturgia: Vanessa Hernández (Guatemala)

Tradução: Wallyson Mota

Elenco: Camilla Flores, Carol Vidotti, Emilene Gutierrez e Eugenia Cecchini

Acompanhamento: Abel Xavier, Wallyson Mota e Wesley Salatiel

Projeto Gráfico: Renan Marcondes

Assessoria de Imprensa / Redes Sociais: Wallyson Mota

Produção: Corpo Rastreado - Leo Devitto

Realização: Coletivo Labirinto

labirinto.contato@gmail.com

@coletivo.labirinto



Março

Isabel pega uma folha de papel e escreve:

Guatemala, 28 de março.

Querida psiquiatra:

Te cumprimento cordialmente, esperando que tenha êxito em todas as suas atividades.

O motivo desta carta é para informar que minha irmã Laura não poderá frequentar suas sessões de terapia semanais, como vem fazendo desde o ano passado.

Você sabe, melhor que ninguém, o diagnóstico psiquiátrico com o qual tivemos que lidar por muito tempo; ambas sabemos que estar com ela não era fácil.

Sabe o que ela me respondeu da última vez que a vi, quando lhe perguntei como estava se sentindo?

(Começa a rasgar a folha em que escrevia).

- Me sinto como se tivessem arrancado a minha vida aos poucos; tiram a minha voz, fico sem lágrimas... De um dia para o outro, cada dor é uma nova chaga, a cada instante, surge uma nova ferida.

O que você acha disso? Não acha que se uma paciente diz algo parecido, não deveria se preocupar? Porque não era a primeira vez que ela se expressava assim. E você sabia. Era tão difícil fazer o seu trabalho? E se você não podia lidar com ela, não deveria ao menos ter a decência de avisar? Passei o último ano trabalhando pra você, me endividando, para que você fizesse por ela o que eu não podia fazer, e o mínimo que eu esperava era que me mantivesse informada.

- Queria ser uma borboleta.

Você tem ideia do que é se deitar e fazer o possível para não dormir? Porque precisa ficar com os olhos bem abertos... Porque sabe que a qualquer momento da noite ela irá acordar de maneira brusca, com um caos interior, uma tempestade, uma loucura, com uma revolta e o indizível que existe lá dentro, com os nervos à flor da pele, rangendo os dentes... E você quer estar ali para ajudá-la... Entende o que eu digo? É que você nunca teve o inferno e o céu ao mesmo tempo, enfiados dentro do seu quarto.

(Põe as mãos no peito e sussurra uma canção)

Não vou mentir, era um inferno viver desse jeito... Mas também era o céu poder ter o seu corpo quente e vivo por um segundo a mais na cama.

(Pega outra folha de papel e escreve)

Ela gostava do Ander, o preguiçoso da colônia. E sabe porque ela gostava dele? Porque ela gostava dos inúteis. Gostávamos de ter coisas que não faziam nada, que não serviam para nada, mas não as jogávamos fora porque gostávamos muito delas.

Gostava disso nela. O seu descaramento perante a vida.

Ela dizia pra mim que sonhava em ter uma grande janela no seu quarto; ela começava a girar, girava, batia na própria cabeça, mastigava pedaços de papel com uma raiva desmedida. Dizia que sonhava em ter uma grande janela no seu quarto, para ver o céu, o sol, as nuvens, as estrelas e a lua... E sabe o que mais me doía? Que nós tínhamos uma janela, mas ela dizia que queria uma janela naquela parede,

apontava e batia na parede... Onde não havia... Mas existe uma grande janela! A janela está ali!

Ela queria a janela para sair voando quando se transformasse numa borboleta.

Ela dizia essas coisas pra você?

Uma noite, fomos para o terraço da casa que alugávamos, olhamos as estrelas e ela falava com alguém. Não sei se falava muito baixinho e por isso eu não entendia, ou se falava algo assim como, como numa outra língua, não sei... Entendi que falava com um deus, com um alien ou com a imensidão, que existia algo lá em cima que estava nos observando. E falava e olhava para nós.

Ríamos muito ultimamente, tanto que tínhamos medo de termos ficado sem lágrimas.

Vivíamos naquele quarto alugado, mas juntas.

Eu não cheguei a tempo na clínica e ela saiu sozinha.

Mas antes de a deixar, como numa intuição, eu disse: “Se um dia a gente se perder, se um dia eu não te ver de novo, me procure nas folhas de abril e eu estarei lá, e quando não for abril e quiser se lembrar de mim, vá até o terraço e olhe para as estrelas, e pergunte se tem alguém ali.”

- Eu perdi tudo o que amei e me afogo sem retorno a cada volta ao passado. Ela dizia coisas que entravam por um ouvido mas nunca saíam, e eu pensava: é tão simples que eu entendi ou definitivamente não entendi nada?

Me contaram de sua morte e eu morri aos poucos também.

Atenciosamente,

Isabel.

Abril

Isabel e Laura.

Isabel canta:

Pra minha menininha nada para ela

nada para ela,

A minha menina tem sonhos, bendita seja, bendita seja.

Aurora que voa, clara e sonora,

uma cor que no nada cantando chora

canta enquanto o berço balança

pra minha menininha nada...

(Laura vai até a janela)

Não, não, não!... Não quer ficar mais um pouco? Fica, eu já vou terminar essa canção... *(Pausa)* Parece que vai chover forte e você vai se molhar, espera até a chuva passar. Senta.

Ontem a Miriam ligou, disse que não falava contigo, porque você estava sempre deprimida, mas perguntou por você, eu contei o que aconteceu e ela desligou... Acho que ela morreu aos poucos também. O amor não acaba, apenas se

transforma e ela te ama, bem à sua maneira horrível, mas ama, você devia perdoá-la.

Não, não... Não devia, o que ela fez com você não se faz a uma amiga, tem razão.

Por que está chovendo tanto? Não é inverno ainda, que estranho...

Agora estou me lembrando, ontem à noite sonhei com você, e tinha muita água também... Acho que é porque você viria hoje... Quer que faça um chá? De jasmim ou de frutas vermelhas?... Bem.

No sonho estávamos aqui, no quarto, mas as duas na cama de cima, porque tudo isto estava inundado de água, como um aquário, mas nós duas, por alguma razão, podíamos respirar debaixo da água e era como um aquário de azulejos, a água era limpa, e apesar de existirem algumas partes escuras como de sujeira, nós sentíamos muita paz... *(Pausa)* Se você pudesse se transformar num animal, que animal escolheria?

Está cansada, não é? Vou preparar sua cama... *(Laura levanta-se em direção à janela)* Não, não vá embora, fica hoje, está chovendo muito lá fora e você vai ficar encharcada... Ou você não gosta de estar aqui? Não gosta, não é? Por isso que não tinha vindo? Ou não quer estar comigo...? Vai, descansa aqui. É melhor aqui dentro do que lá, olha. Você gosta da janela?

Agosto

Isabel e Laura. Laura dorme.

Isabel: Levanta... Levanta que já está muito tarde... Já dormiu demais e precisa comer. Está emagrecendo muito... Ai, você tá tão fria! Vou fazer um chá... De jasmim ou frutas vermelhas?... Voltou a bater a própria cabeça? Acorda, já disse.

(Pausa. Laura acorda e sai do quarto)

Não vou ficar implorando para que venha comer, vai esfriar e aí você não vai querer engolir isso, vem logo!

Me candidatei para uma vaga naquela padaria grande do centro, tomara que me chamem, porque eu já não estou conseguindo pagar o quarto, já estamos devendo dois meses e acho que não vamos encontrar um lugar mais barato... Mas não se preocupe, eu vou dar um jeito. Você se lembra onde anotamos o endereço daqui? Com certeza vão me pedir e eu não me lembro... Come, que está esfriando... Quando tive que escrever o endereço pra vaga de empacotadora tive que inventar. Aldeia do quê?... Ah sim! Das Fontes, até que soa bem, uma pena que não seja como se poderia imaginar.

Quando vinha para cá encontrei o Ander... Sem vergonha! Desengonçado, feioso esse seu, tem lá alguma coisa, mas é feio, muito alto e branco demais pro meu gosto, e além disso é preguiçoso... Pergunto pra ele se quer vir almoçar aqui algum dia?... Ahh, melhor não... Sabe o que é que me preocupa muito? Que você ainda seja virgem... *(Ambas riem)* Não provou nem sequer um pedacinho. Certeza que não quer que eu chame ele? *(As duas riem)* Eu sei que você não precisa de alguém para isso, mas você nem vai nem fica.

(Laura entra no quarto)

Você reparou que ultimamente a gente tem rido muito juntas? Fazia tempo que isso não acontecia... Já espiou pela janela? Está um dia bonito para sair pra caminhar... Mas faz semanas que você não sai, e o sol ia te fazer tão bem, você está muito pálida e fria. Vai, coloca o seu vestido vermelho, ele realça a sua cor, e fica lindo em você, anda, vamos sair um pouco... Mas ele fica perfeito em você... Ah Laura! Deixa de chique e para de ser insegura, que o mundo precisa de cor, você está tão bonita.

(Pausa)

Viu? Olha pra você.

(Pausa)

Vamos... Não! Sozinha você não vai a lugar nenhum... Eu não disse!... Queria uma janela, não queria? Aí está! O céu, o sol, as nuvens e isso tudo!

(Pausa)

Quando olho pra você com esse vestido, parada na janela, sinto que de repente vão começar a surgir asas em você e você vai começar a voar. Você disse que se sentia como uma lagarta, ou como era mesmo?

Outubro

Isabel e Laura

Isabel: Lau? *(Assustada)* Lau... Laura?

(*Começa a procurá-la*) Laura, onde você está? Não estou brincando contigo! Sai daí e depressa!... Laura, responde, eu estou falando! (*Laura sai da janela*) O que estava fazendo aí? Não vê que é perigoso, essa merda é alta e você vai cair. Não seja tonta! Se eu deixo uma chave com você, é para que não se exponha por aí, faço com gosto tudo o que faço por você, e você é uma mal agradecida, isso é o que você é. Abusiva e mal agradecida!

A minha crise volta, o meu medo, a minha doença, por causa desses sustos... (*Lê a parede manchada com letras quase ininteligíveis*): “Ontem à noite fui até a janela e olhei para as estrelas, falei com alguém, não sei quem era. Me perguntava se era um deus, um alien ou a imensidão. De qualquer forma, sinto que existe algo lá em cima que está nos observando... Uma força superior que não tem nada a ver com o deus que me ensinaram por anos na igreja e na escola. Mas esse deus, o meu deus, está dentro...” O que é isso Laura? Tem ideia de quanto o Seo Roque vai me cobrar para arrumar essa parede? Puta que o pariu... Laura, você sabe que eu ainda não consegui acertar o aluguel do quarto, porque na padaria me pagam uma merda? Quando eu falo isso, você compreende ou não? Porque parece que você me entende cada vez menos... E olha para mim quando eu tô falando com você!

(*Pausa. Trovão e chuva*)

Não, é que... Desculpa, Lau, não queria gritar contigo, desculpa. É que eu, eu fiquei com muita raiva porque... Bom, o importante é que você está bem... Está bem, não é verdade?... Já comeu? Porque está mais pálida ainda... Para você se sentir melhor (*Laura sai do quarto*). Lembra da casinha de barbies que você queria quando éramos pequenas e minha mãe nunca pôde comprar? Adivinha?... Eu comprei pra você! (*Tira a casa de um saco*) Bem, não é aquela exatamente, essa é

melhor, tem tudo, objetos pequeninhos, pequeninhos, a cozinha está equipada com todos os eletrodomésticos e também pratos, copos, comida, um quarto para cada uma e sem beliche. Você gosta? Vou deixar aqui para você ver onde colocar, só cuidado para não deixar num lugar que incomode muito, e cuidado também com as coisas pequeninhas, porque se não você perde um objeto hoje, outro amanhã e assim você vai se desfazendo, perdendo sua vida aos poucos e depois já não são mais objetos que se perdem... Mas a voz, as lágrimas, o riso, a... O quê? Sim, ali está a janela Laura... Sim, ela está ali... Lau não começa, essa fase já passou, a janela está ali e sempre esteve ali, por favor, não faz isso comigo... Eu já sei que esse quarto, essa casa, esses vizinhos não são o que gostaríamos, mas por favor, faça a minha vida um pouco mais fácil... e... Merda! Era só o que nos faltava... *(Caem gotas de água do teto).*

Dezembro

Isabel limpa e retira a água do chão. Laura na sacada, virada para a rua, ao lado da sua casinha de brinquedo pendurada.

Isabel: Isso parece com o meu sonho, você lembra? Bem, no meu sonho tudo parecia mais bonito, começando pelo fato de que não existia a parte em que eu tinha que tirar toda essa água... As coisas não boiavam como agora, todas pareciam ser capazes de nadar... Acho que... Acho que tinham alguns cachorros nadando, ainda que de cima parecessem peixes brancos e cor de laranja, de frente eram cachorros. Acordei, mas me sentia em paz. O que é que isso quer dizer? Será que quer dizer que mesmo que eu esteja nadando na merda sempre vou me sentir bem? Confio em mim... Olhando de cima eu pareço um peixe? Ah? Lau?... Laura?

Laura está completamente nua virada para a rua. Isabel corre com uma toalha na mão para cobri-la, tenta vesti-la de novo. Laura tem algo escrito nas costas, em letras quase ininteligíveis. Isabel lê com dificuldade:

“Como é que o mundo ainda está perdendo suas virtudes?... Se um dia eu não tivesse nada, certamente te procuraria... Me procure nas folhas de abril e eu estarei lá, e quando não for abril e quiser se lembrar de mim, venha e pergunte se tem alguém aqui...” O que significa isso? Lau? Laura, olha para mim, vamos, olha para mim... Você me escuta?... Lau... Não, olha para mim... Olha para mim, por favor... Vem aqui, vamos para dentro... *(Laura começa a desaparecer, pouco a pouco)* Vem... Não, Laura, você é... Me escuta, vou cantar pra você, mas... Mas fica, Laura. Olha para a sua casinha, pus uma luz nela... Não, espera, eu canto pra você...

A minha menininha não tem medo de nada, de nada tem medo,

Minha menina tem sonhos, bendita seja, bendita seja

Uma cor que, na selva, desbota

Na luz colorida, a menina sonha,

Sonha enquanto o vento move o silêncio,

A menininha de nada tem medo.

Abril

Isabel em um parque. Está fazendo um ramo de flores. Famílias com crianças brincando ao redor, casais passeando e se beijando, animais de estimação

brincando com seus donos, vendedores de sorvete e algodão doce, balões, bolas de sabão. Risos, gritos, carícias.

Isabel: Eu sabia que ela mentia para os médicos, mas se eu dissesse, eles iam interná-la, seria pior... Pior para nós duas... Se tivessem visto ela como eu a via, se a tivessem visto girando e girando, batendo na própria cabeça ou mastigando pedaços de papel com uma raiva desenfreada... Outra história seria contada.

- E você prefere o que teria acontecido?

Isabel: Não sei... Talvez não.

- Então qual é o problema?

Isabel: É que já não existe problema nenhum, quando se perde tudo o que se ama, você afunda profundamente em cada volta do passado, quando não resta mais nada da vida como a conhecíamos... A minha vida nunca voltará a ser a mesma, não é verdade?

(Pausa)

Isabel: Sempre me dizia coisas que entravam por um ouvido e nunca saíam, como quando me perguntou se a morte tinha uma razão de ser e eu não consegui responder.

- E agora, o que você acha?

Isabel: Que não. Não tem, apenas é, como a vida... Mas sinto tanta falta dela, aqui dentro. Eu sento aqui, em silêncio, e tento encontrá-la, mas... ela não está mais e... E se ela estiver muito sozinha? E se estiver com muito frio? E se estiver sentindo alguma dor? E se a tempestade chegar? E se ela for tomada pela loucura, pela

revolta e pelo indescritível que invade ela por dentro? Se os seus nervos ficarem à flor da pele e eu não estiver lá para ajudar? E se ela não quiser comer sozinha? E se as suas asas ainda não tiverem crescido? E quando chove, como ela se protege?... Não sei porque pergunto essas coisas pra você.

- Talvez porque você saiba que eu tenho todas as respostas.

Isabel: Então me responde...

Silêncio.

Isabel: Tá... Mas ela está bem sem mim, não está?

Silêncio.

Isabel: E é verdade que ela vai entrar em contato comigo?

Silêncio.

Isabel: Quando?

Atrás de Isabel, uma borboleta voa.

Isabel: Quê?

Isabel se levanta e, disfarçadamente, como que para si mesma, pergunta:

Isabel: Tem alguém aqui?

No centro do parque, nas costas de Isabel, forma-se um redemoinho com milhões de borboletas. As folhas das árvores caem com força. O redemoinho torna-se gigantesco. Todas as pessoas no parque ficam em silêncio, estáticas e espantadas com o fenômeno.

Isabel: Isso não pode ser nada.

Silêncio.

Isabel: Quero que ela fale comigo...

Silêncio.

Isabel: Quando eu canto, sinto que ela me escuta...

Isabel cantarola baixo para si mesma:

Sonha enquanto o vento move o silêncio,

A menininha de nada tem medo...

O redemoinho se acalma, as folhas das árvores pintam o chão em diferentes tons de amarelos e verdes, e as borboletas se espalham como uma leve brisa por todo o parque.